AYAHUASCA: UM SAGRADO SELVAGEM QUE BASTIDE NÃO CONHECEU

João Paulo Reis Braga[1]
Macário Velozo Hartnett[2]

Resumo

A Ayahuasca é uma bebida enteógena feita por meio da união de duas plantas: um cipó chamado Mariri (*Banisteriopsis caapi*) e as folhas de uma árvore chamada Chacrona (*Psychotria viridis*). O Chá Ayahuasca vem sendo usado há milhares de anos em rituais religiosos indígenas, e há algumas décadas em religiões urbanas como o Santo Daime e a União do Vegetal. A Ayahuasca é considerada uma bebida sagrada por todos que a utilizam regularmente em contexto religioso. Roger Bastide foi um teórico francês, que veio para o Brasil em 1938 e estudou durante muitos anos as religiões afro-brasileiras, dando especial enfoque ao fenômeno do transe nessas religiões. O presente artigo analisou o conceito bastidiano de transe como "um jogo litúrgico", que segundo ele, aproxima-se de uma "representação teatral". As conclusões desse ensaio sugerem que o transe provocado pela Ayahuasca transcende algumas das premissas apresentadas por Bastide em seu estudo a respeito do "sagrado selvagem".

Palavras-chave: Ayahuasca. Bastide. Sagrado Selvagem. Transe Religioso. Enteógeno.

INTRODUÇÃO

Roger Bastide (1898-1974) foi um sociólogo e antropólogo francês que, em 1938, veio para o Brasil, junto com outros professores europeus, para dar aulas na recém-criada Universidade de São Paulo, ocupando a cátedra de sociologia. Bastide era protestante, e foi membro da Primeira Igreja Presbiteriana Independente de São Paulo. Durante os 16 anos em que esteve em solo brasileiro, Bastide dedicou especial atenção ao estudo das religiões afro-brasileiras, chegando inclusive a ser um Iniciado no

[1] Mestrando em Ciências da Religião na Universidade Católica de Pernambuco. Email: jpreisbraga@yahoo.com.br.. Financiamento: CAPES/PROSUC.
[2] Bacharel em Cinema e Audiovisual pela Universidade Federal de Pernambuco – UFPE. E-mail: macariohartnett@yahoo.com

Candomblé e ter participado de muitos cultos na Bahia, o que o levou a produzir uma obra relativamente extensa acerca dessas religiões.

Em 1973, Bastide publica o seu mais famoso texto "O Sagrado Selvagem", no qual faz uma análise do fenômeno do transe religioso, estabelecendo uma distinção entre dois aspectos básicos de hierofania: uma forma clássica, denominada por ele de "sagrado domesticado" – cujo o transe religioso se encontra sob o domínio e atende aos interesses das instituições religiosas onde ele se manifesta – e outra forma mais complexa, que Bastide vai chamar de "sagrado selvagem" – onde ocorre o "transe disfuncional", ou seja, aquele que não exerce qualquer função (positiva ou negativa) para o indivíduo ou para a sociedade em que está inserido.

A Ayahuasca é uma infusão enteógena[3] feita por meio da união de duas plantas: um cipó chamado Mariri (*Banisteriopsis caapi*) e as folhas de uma árvore de pequeno porte chamada Chacrona (*Psychotria viridis*). O Chá Ayahuasca vem sendo usado há milhares de anos em rituais religiosos indígenas, e há algumas décadas em religiões urbanas como o Santo Daime e a União do Vegetal. A Ayahuasca é considerada uma bebida sagrada por todos que a utilizam regularmente em contexto religioso. Segundo o antropólogo e especialista no tema Edward MacRae (2015, p.403):

> A bebida não é considerada pelos seus adeptos como sendo uma 'droga', mas como um veículo de cura, ou sacramento, dotado de grandes poderes transformadores. Assim, toda vez que uma pessoa o toma ela teria a oportunidade de entrar em contato com Deus.

O presente artigo traz uma análise a respeito do transe religioso provocado pela ingestão da Ayahuasca a partir dos conceitos descritos por Bastide em seu estudo sobre o "sagrado selvagem". Mediante observação participante e leituras sobre o tema, constatei que o processo de "domesticação do sagrado" também acontece nas instituições religiosas que

[3] Enteógenos são substâncias alteradoras da consciência, que induzem a estados ampliados de percepção sensorial e ao sentimento de êxtase. A palavra "enteógeno" vem do grego e significa "manifestação interior do divino".

utilizam a Ayahuasca, ratificando algumas das afirmações do antropólogo francês. Não obstante, o transe que ocorre nas religiões ayahuasqueiras transcende algumas das premissas e contraria algumas das conclusões de Bastide sobre o fenômeno.

AYAHUASQUEIRO E ANTROPÓLOGO

A metodologia utilizada nesse estudo foi a de observação-participante, que, segundo Bronislaw Malinowski (1932, p.14-20), consiste em conviver com uma determinada comunidade por períodos prolongados, para conhecer suas crenças e seus costumes através de uma interação natural com seus membros, buscando "exemplos de suas crenças enquanto elas são vividas".

Os primeiros estudos que fiz a respeito da Ayahuasca foram em 2007, dentro do contexto de pesquisas que realizei sobre psicotrópicos, coletando material para meu trabalho de conclusão do curso em Ciências Sociais. Nessa época eu me considerava agnóstico e não nutria nenhum interesse em pesquisar ou fazer parte de qualquer religião. Mas, em 13 de março de 2010, bebi o Chá Ayahuasca pela primeira vez na União do Vegetal (UDV), e em 22 de julho do mesmo ano me associei à instituição. E mesmo que a religião não fosse ainda o foco de meus estudos, de imediato, fiz o registro antropológico de todas as experiências que vivenciei na UDV, desde a primeira sessão em que estive presente.

Em minhas notas também registrei um grande número de outras informações, que obtive em vivências fora do ritual, como mutirões de manutenção e plantio, preparo do Chá, reuniões administrativas, conversas informas, etc. Na UDV, as sessões espirituais funcionam no sistema de perguntas e respostas entre os discípulos e o mestre dirigente do ritual, sendo que todos bebem a Ayahuasca no começo da liturgia e encontram-se sob o efeito do enteógeno na maior parte do tempo. Assim, durante os mais de oito anos que tenho como membro ativo da UDV, participando de uma média de quatro sessões por mês, já comunguei a Ayahuasca mais de

quatrocentas vezes, e durante os rituais fiz mais de mil perguntas, todas anotadas com suas respectivas respostas. Nesse quesito, também é válido destacar que, além do registro antropológico das centenas de experiências que vivenciei sob o efeito do Chá, também anotei os acontecimentos mais importantes ocorridos durante cada ritual. Fiz, ainda, um grande número de perguntas fora das sessões a membros de todos os graus hierárquicos da instituição, tendo, por fim, consultado vídeos, livros, artigos e vários trabalhos acadêmicos a respeito da Ayahuasca, da UDV e de outras religiões ayahuasqueiras.

UM SAGRADO SELVAGEM DESCONHECIDO PARA BASTIDE

O transe religioso é um fenômeno que permite uma série de conceituações dentro de uma miríade de interpretações possíveis. Bastide (1992, p. 144) não apresenta uma definição clara, mas afirma que o "transe primitivo é o contrário mesmo do desprendimento corporal, do abandono às pulsões inconscientes, da crise histérica... Longe de dar uma imagem de caos, de violência ou de distúrbio muscular, o transe toma frequentemente uma forma calma". Não obstante, de acordo com Davanço Rizzi (1997, p. 80) o transe pode ser definido como:

> Um estado particular do indivíduo, durante o qual se evidenciam modificações psicofisiológicas, num contexto ritual religioso... São modificações na expressão facial: os olhos ficam arregalados ou se fecham, a boca fica crispada, mudam a postura corporal, os gestos, a voz, às vezes acompanhados de tremores, gritos e choro. Esses traços podem aparecer em conjunto ou separadamente, mais ou menos marcantes ou violentos. Em estado de transe há aumento das pulsações, diminuição (ou aumento) da respiração... Como estado, este é passageiro e momentâneo. Em termo psíquicos, ocorre alguma alteração na esfera consciente.

Todas as manifestações psicofisiológicas citadas por Rizzi já foram vivenciadas por mim nos transes com a Ayahuasca, e essas mesmas ocorrências são facilmente observadas em vários outros participantes

durante o ritual e no relato dos mesmos após o transe (sendo mais comum de acontecer quando o Chá é bem preparado e propicia efeitos mais intensos nos indivíduos). Neste ponto, a Ayahuasca já contraria algumas das premissas de Bastide (1992, p.144), pois, segundo ele, o transe primitivo "só aparece em certos indivíduos", entretanto, após beber o enteógeno, qualquer um dos participantes do ritual pode entrar em transe, e frequentemente muitos entram ao mesmo tempo nesse estado alterado de consciência.

O transe da Ayahuasca pode acontecer inclusive com pessoas que estão tendo contato com a bebida e a instituição religiosa pela primeira vez, e podem ocorrer em níveis que Bastide descreveria como "formas histeróides" de transe violento: "rolar na terra, gritar, debater-se furiosamente" – tais situações são até comuns de acontecerem em rituais onde é utilizado um Chá forte de Ayahuasca e não existe um controle maior no direcionamento do rito. No entanto, também é comum que nesses mesmos rituais, onde ocorreram transes muito fortes com determinados indivíduos, outros presentes, tendo bebido da mesma bebida e em quantidade até maiores, não sintam nada além de um suave relaxamento.

De acordo com Bastide (1992, p.144), o transe, em sua forma primitiva, também apresenta as características de "começar e terminar em hora fixa". No caso da União do Vegetal, as sessões têm hora para começar e terminar (e em geral cada cerimônia tem quatro horas de duração), entretanto, os transes propiciados pela Ayahuasca não seguem nenhuma determinação temporal, podem durar poucos minutos, algumas horas ou permanecer por vários dias seguidos em situações muito excepcionais. Já escutei durantes as sessões os relatos de mestres e outras pessoas antigas na UDV descrevendo situações em que sentiram o transe da Ayahuasca durante dias, por exemplo, os mestres Jair Gabriel da Costa e Raimundo Monteiro de Souza (duas referências na UDV) relataram essas vivências muito prolongadas. E eu mesmo também passei pela experiência, quando em 21 de outubro de 2017, bebi o Chá em uma das sessões regulares, e

entrei em transe por cerca de uma hora, entretanto, no dia seguinte, bebi a Ayahuaca novamente em uma sessão extra, mas dessa vez o transe permaneceu de forma intensa durante mais de sete horas seguidas antes de abrandar, para que eu tivesse condições de voltar dirigindo para casa. Uma vez em minha residência, o transe retornou e permaneceu por cerca de cinco horas mais, até que consegui adormecer e acordar em meu estado habitual.

Bastide (1992, p.144) afirma ainda que o transe "se desenrola segundo um cenário dado de antemão e que não muda de uma cerimônia para outra, ele só faz representar na terra o que outrora se passou no mundo do sonho". Entre os adeptos da UDV (e de várias outras instituições ayahuasqueiras), o transe provocado pela Ayahuasca é chamado de "burracheira", e, segundo os relatos de todos que fazem uso frequente do enteógeno – o que é corroborado por minhas próprias experiências – uma "burracheira" nunca é igual a outra; cada transe apresenta características próprias da ocasião, cada "burracheira" trará visões, lições, inspirações, sensações, cobranças, vivências e *insights* que não se repetirão nos rituais seguintes. A antropóloga Rosa Virgínia Melo (2013, p.5), que durante anos também consumiu regularmente a Ayahuasca, afirma que:

> A burracheira é uma "força estranha", que "não se repete", e suas especificidades advêm do "merecimento" de cada um na interação com o sacramento, cujo caráter soteriológico advém da "evolução do espírito"... "Entrar nos encantos" ou ter "miração", conforme etnografia realizada junto ao grupo, configura experiências elevadas no campo da espiritualidade, quando o sujeito se desloca no tempo e no espaço, adentrando uma realidade extraordinária, como uma participação mística.

UMA DISTINÇÃO RELEVANTE

Nesse momento, precisamos destacar algo que é essencial em nossa análise, existem diferentes tipos de estados alterados de consciência e que podem se configurar como "transe". Um ponto chave na compreensão do tipo de transe específico que é produzido pela "burracheira" está na

diferenciação que alguns teóricos fazem entre transe de xamanismo e possessão. Segundo Rizzi (1997, p.80-1): "O xamanismo aparece como a ascensão do homem em direção aos Deuses, e a possessão como uma 'descida' dos deuses, uma encarnação".

Dessa forma, no transe xamânico, o indivíduo mantém a integridade de sua psique, ou seja, não há perda ou troca de personalidade. Já no transe onde ocorre a possessão, "os desuses encarnam, e imprimem ao fiel comoções e sobressaltos, e a personalidade própria do fiel desaparece" (RIZZI, 1997, p.81). Em "O Sagrado Selvagem", Bastide não se preocupa de fazer diferenciações entre os tipos de transe, mas geralmente trata do segundo tipo em suas análises, aqui definido como "transe de possessão", ou simplesmente "possessão", enquanto o ritual da Ayahuasca possibilita o transe xamânico, onde, durante todo o tempo, o indivíduo está consciente e mantém sua personalidade. De acordo com Melo (2013, p.4):

> A temática do transe que tangencia a discussão é aqui entendida como um instituinte de noções positivamente sancionadas acerca da pessoa humana em relação com Deus, o que Roger Bastide chama domesticação do sagrado selvagem (Bastide, 2006) ... A burracheira é uma experiência interna e coletiva, química e simbólica, na qual os diferentes níveis são unidos sob a égide de um valor central, o "conhecimento de si".

Mas como o transe da Ayahuasca pode ser melhor entendido? Talvez a melhor descrição do que ocorre numa burracheira tenha sido apresentada pela antropóloga Marion Aubree (1985, p.1071), ao definir o que ela chamou de "transe de inspiração", onde "a pessoa conserva a sua personalidade, mas está investida pela divindade, a qual, dominando-a, faz dela o seu porta-voz". Na União do Vegetal, dentro de uma das orações que abrem os rituais, e que quase sempre são feitas no início de cada sessão, há uma chave em que o mestre dirigente dos trabalhos diz: "Eu vim abrir meu oratório ao divino Espírito Santo".

Contudo, de forma complementar ao que é descrito por Aubree, segundo os relatos dos que bebem regularmente o Chá e minhas próprias

experiências com o enteógeno, durante o transe da Ayahuasca é possível, ainda, ouvir vozes trazendo orientações (como uma conversa entre o indivíduo e sua consciência), ver imagens a respeito de alguma particularidade da pessoa que está demandando algum tipo de atenção, e reviver momentos que foram muito importantes na formação do caráter da pessoa, podendo assim superar traumas. Entre os relatos do transe com o Chá, também são comuns os testemunhos de superativação dos sentidos físicos e desdobramentos espirituais. Em síntese, são inenarráveis e incomensuráveis todas as experiências que são possíveis durante os transes espirituais da Ayahuasca, mas é preciso tentar, e por isso Rosa Melo (2010, p.19) esforça-se para colocar em palavras aquilo que sentiu em alguns dos transes que viveu sob o efeito do Chá:

> Em certas ocasiões, abandonar-me à experiência mística provocou-me, entre outras coisas, a sensação de um estado que "comme toutes les tortures mystiques, est à la fois extrêmement douloureuse pourtant agréable" (Bastide, 1975:18). A força daquilo que se mostrava como involuntário apresentava-me um desconhecido com poderes de atravessar-me. Eram momentos intensos de identificação entre mim e o universo. Nessa espantosa união, senti-me longe do que entende Bastide sobre o abandono de Amiel ao êxtase, quem procurava apenas perder-se num sentimento evanescente de morte. Para o autor francês, esse deixar-se levar pelo inefável significa um medo da vida e uma rejeição à ação (ibid.:20), o que em nada assemelha-se ao que experimentei, pois ao contrário, desse contato derivava uma tonificação do corpo e da alma. Nesse sentido a percepção de Bastide acerca do abandono ao êxtase parece-me duplamente redutora: por observar apenas a possibilidade da morte como experiência extática, dentre outras possíveis; e por não enxergar a potência da vivência da morte, ou seja, a carga emotiva contida nessa experiência evanescente e seus possíveis desdobramentos existenciais.

Bastide (1992, p.144-156) afirma que o transe é, na verdade, "um jogo litúrgico" que se aproxima de uma "representação teatral", e que "é impossível ao indivíduo atingir o Sagrado no estado puro, em sua transcendência absoluta", no entanto, todas as supracitadas características que ocorrem com a Ayahuasca demonstram que esse tipo de transe vai

muito além da definição reducionista feita por Bastide, quase sempre se referindo a esse fenômeno como um tipo de possessão. De acordo com Rizzi (1997, p.82), em Bastide "não há uma preocupação explicita em definir esses termos ("transe" e "possessão"). O que se observa é seu uso quase indiscriminado como sinônimos". Contudo, é possível que essa distinção entre os tipos de transe seja a chave para explicar o porquê o transe da Ayahuasca consegue ultrapassar algumas das premissas apresentadas por Bastide.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O artigo "O Sagrado Selvagem" é um marco nos estudos antropológicos a respeito das religiões afro-brasileiras, especialmente no que concerne ao fenômeno do transe religioso. Bastide faz excelentes análises quando em suas pesquisas observa questões como: os fatores positivos e negativos da "administração do sagrado", o sentimento de vergonha (como "resposta sociológica ao olhar do outro"), a persistência do sagrado selvagem traduzido numa linguagem científica e as tentativas de controle e funcionalidade do transe.

Todas essas reflexões sociológicas bastidianas podem ser facilmente observadas em diversas religiões ayahuasqueiras como o Santo Daime e a União do Vegetal, especialmente dentro do contexto de domesticação do sagrado selvagem. Na condição de antropólogo e discípulo da União do Vegetal, venho registrando diversas mudanças que têm acontecido dentro da instituição que corroboram as conclusões de Bastide a respeito do processo cultural de domesticação do sagrado. Entretanto, tais análises e considerações demandariam um número maior de laudas, além do que esta publicação permite. Sem embargo, o presente estudo pode ser útil para esclarecer alguns pontos basilares em pesquisas que venham a ser realizadas a respeito dos temas aqui tratados.

O objetivo desse breve ensaio foi demonstrar como a Ayahuasca é capaz de proporcionar um tipo de transe que transcende alguns dos

preceitos apresentados por Bastide em sua investigação sobre o "sagrado selvagem". Entretanto os resultados de nossa análise não diminuem o valor e a relevância do antropólogo francês para a compreensão do fenômeno, eles apenas demonstram que o transe pode ser uma manifestação religiosa e social muito mais complexa do que foi apresentado por Bastide em sua obra.

Por fim, não é possível entrar aqui em todos os detalhes famacoquímicos e neurofisiológicos que estão relacionados com a Ayahuasca, contudo, diante das muitas experiências que vivencie durante os transes com esse enteógeno, diante dos inúmeros testemunhos que ouvi e registrei de outros ayauhesqueiros, e diante dos vários estudos acadêmicos que realizei, me vejo inclinado a refletir se de fato o "sagrado selvagem" nada mais é do que "uma usina de fabricar deuses ou inventar mitos", tal qual afirma Bastide (1992, p.156). De minha parte, entendo que a Ayahuasca pode ser uma "porta" para uma realidade que está além da percepção materialista cotidiana, mas que existe e pode ser acessada.

REFERÊNCIAS

AUBREE, Marion. **O transe: a resposta do xangô e do pentecostalismo.** Ciência e cultura, v. 37, n. 7, p. 1070-1075, 1985.

BASTIDE, Roger. **O sagrado selvagem**. [tradução Rita de Cássia Amaral]. Cadernos de Campo, São Paulo, v. 2, n. 2, p. 143-157, 1992.

MALINOWSKI, Stanislaw. **Argonauts of the Western Pacific.** George R&Sons, 1932.

MELO, Rosa Virgínia. **Sobre ayahuasca e transformação na União do Vegetal**, 2010.

MELO, Rosa Virgínia. **Encantamento e disciplina na União do Vegetal**. Anuário Antropológico, n. I, p. 217-237, 2013.

RIZZI, Nilse Davanço. **Visões do transe religioso**. Plural (São Paulo. Online), v. 4, n. 1, p. 78-106, 1997.